

Geografia e comunicação em territórios indígenas: a cultura do ritual de nomeação do povo Boe (Bororo)

Aiane Kelly Ferreira Santiago Torres
aianekellyfs56@gmail.com
da Universidade Estadual de Goiás – Brasil

Idelfonso Boro Kuoda
borokuoda@gmail.com
da Universidade de São Paulo – Brasil

Marli Cardoso Botelho Nascimento
marlicbn@gmail.com
da Universidade Estadual de Goiás – Brasil

Resumo: A geografia é uma ciência que valoriza e resgata os saberes tradicionais. Nesse sentido, a comunicação é uma ferramenta fundamental para acessar os territórios dos povos tradicionais, dando-se de várias formas, desde a escrita até as representações corporais. O território é imbuído do simbolismo e das características de determinados grupos, é a base para o resgate das raízes culturais que denominam as especificidades dos sujeitos que ali vivem. No território indígena, está imbuída a manifestação material e imaterial de seu povo, o arcabouço de lutas, costumes, identidade, conflitos, rituais e as relações sociais que fortalecem o elo de coletividade da aldeia. O território dos Bororo é carregado de tradições que valorizam os costumes e práticas culturais desse povo indígena, e um dos rituais de grande importância para a aldeia é o ritual de nomeação. A metodologia deste artigo parte do trabalho de campo, realizado na aldeia Meruri, na Terra Indígena Boe (Bororo), durante a disciplina “Geografia e Comunicação” no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás. Além da pesquisa em campo, foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a temática do texto. Os resultados obtidos mostram a importância do território para compreensão de vários aspectos sociais e culturais de povos indígenas, para conhecer parte da ancestralidade do povo brasileiro e para compreender que a comunicação se manifesta de diversas formas, sobretudo na realidade concreta dos territórios.

Palavras-chave: Geografia; Território; Povo Boe (Bororo); Nomeação.

Introdução

A geografia é uma ciência que, em sua amplitude de discussão e diálogos, abrange as possibilidades de interlocução com outras ciências, outros saberes. É uma ciência em que a comunicação é muito presente e relevante como uma ferramenta cujos significados são carregados de desdobramentos, já que não se dá apenas pela fala ou pela escrita, mas também por diversas manifestações de expressão cultural que traduzem mensagens, significados e simbolismos que caracterizam os territórios em que ocorrem.

Neste artigo, nos debruçamos sobre a aldeia Meruri, do povo Boe (Bororo), situada no município de General Carneiro, em Mato Grosso, onde é evidente o impacto devastador do modo de produção capitalista sobre esse povo, que teve seu território drasticamente reduzido. Apesar das adversidades, os Boe não desapareceram. Isso graças à luta e à resistência dos muitos que dedicaram a vida em defesa de sua terra e pela liberdade. A história desse povo é um testemunho de força e perseverança.

No esforço de resistência, os Boe buscaram reforçar o contato com outros povos, empenhando seus direitos de cidadania na busca de qualificação universitária. Vários membros já são mestres e se preparam para o doutorado. Segundo sua lógica, é preciso ocupar os espaços acadêmicos para propagar os saberes que dão significado à cultura Boe, ampliando os debates e estabelecendo uma comunicação que resgata e preserva esse conhecimento ancestral. O presente trabalho é resultado de uma vivência no território indígena Boe (Bororo), mas também da vivência pessoal e de estudo de um dos autores deste artigo, que é membro do povo Boe, residente e professor na aldeia Meruri. Como o próprio nome da disciplina, “comunicação e geografia”, este texto é fruto da junção de diálogos, informações e trocas entre os autores por uma perspectiva geográfica e ancestral.

Para compreender a vivência do povo bororo, é preciso partir da compreensão de que a cultura é acompanhada do sentimento e do cuidado com o outro. É exatamente essa a função do ritual de nomeação, conhecido como *boe eiedódu*, um momento de iniciação da vida da pessoa que recebe seu nome para a comunidade. É quando o indivíduo, criança ou adulto, recebe um nome. A criança logo após o nascimento ou o adulto não integrado à comunidade ainda não possuem nome indígena Boe, reservado à família clânica materna. A escolha do nome passa por um ritual preliminar, de incumbência inicial dos pais, que devem se dirigir a todas as pessoas da região matrilocal da criança na busca do nome (ou nomes) a ser atribuído.

Um dos objetivos do presente artigo é compreender as dicotomias do território estudado a partir de um trabalho de campo realizado na aldeia Meruri, localizada a aproximadamente 50 km do município de General Carneiro, situado na mesorregião sudeste do estado de Mato Grosso (IBGE, 2024). O trabalho de campo foi no âmbito da disciplina “geografia e comunicação” do programa de pós-graduação em geografia da Universidade Estadual de Goiás, do Campus Cora Coralina, ocorrido nos dias 16 a 19 de setembro de 2023. Além disso, outro objetivo do presente artigo é o aprofundamento sobre a cultura Boe, avaliando um de seus rituais e considerando sua importância para a educação e suas conexões com o processo de comunicação.

Portanto, o artigo foi organizado a partir de anotações e diálogos registrados em caderno de campo e balizado por um levantamento teórico-referencial sobre a temática. A pesquisa bibliográfica foi fundamentada em autores que debatem a interlocução entre geografia e comunicação, como Julião (1999), Martín-Barbero (2000), Santos (2008) e Pasti (2012); e em teóricos que discutem a questão indígena e o território Boe (Bororo), como Albisetti e Venturelli (1962), (1969), (1976) e (2003), Viertler (1976), Bordignon (1986), Levi-Strauss (1986), Carvalho (2006), Porto (2013), Brandão (2014), Makuda (2018).

Além desta introdução e das considerações finais, o presente trabalho é dividido em seis seções. Na primeira, é discutida a interlocução entre comunicação e geografia, abordando alguns pontos sobre a importância da comunicação dentro da perspectiva geográfica e buscando entender a espacialidade dos fenômenos e como a comunicação e seus meios estão inseridos na sociedade desde os primórdios da humanidade. Nas seções subsequentes, são discutidos o território indígena e sua luta para a preservação dos ritos, simbologias e costumes ancestrais, assim como são apresentados um breve histórico do povo Boe (Bororo) e do ritual de nomeação das crianças e adultos da aldeia.

Uma conversa entre geografia e comunicação

O diálogo entre geografia e comunicação é fundamental para a compreensão e a representação ampla do espaço, pois a geografia estuda a espacialidade dos eventos, enquanto a comunicação lida com a transmissão e o repassar de informações. Nessa relação, ambas exploram como os lugares e territórios são percebidos, representados e comunicados, influenciando a construção de identidades culturais e sociais. Essa interação pode ser testemunhada em diversos campos, sobretudo em como a influência dos meios de comunicação influencia a percepção do espaço geográfico.

Tanto a geografia quanto a comunicação ocorrem no território, no espaço, no tato e no contato, gerando uma forma acessível e compreensível de criar vínculos (na maioria das vezes, a comunicação é insatisfatória quando não consegue atingir esse objetivo). Desde os primórdios, a comunicação desempenha um papel crucial na propagação do conhecimento, da cultura e dos valores entre gerações. Ao longo dos séculos, testemunhamos sua evolução, desde as formas mais básicas de oralidade até a complexidade da era moderna.

Dada a sua importância, é necessário compreender que a comunicação se manifesta de diversas formas nos lugares e nos momentos.

[...] falar de comunicação significa, em primeiro lugar, reconhecer que estamos numa sociedade em que o conhecimento e a informação têm tido um papel fundamental, tanto nos processos de desenvolvimento econômico quanto nos processos de democratização política e social (Martín-Barbero, 2000, p. 53).

A partir da análise de Martín-Barbero (2000), compreende-se a necessidade de reforçar o papel da comunicação como uma importante mediadora para a compreensão dos fenômenos nos espaços e nos territórios, assim como nos desdobramentos das relações existentes. A comunicação deve ser entendida para além do ato em si, pois representa o espaço de luta, de organização da vida e de expressão dos diferentes povos. É fundamental validar os diálogos como fonte importante para enxergar outras visões de mundo. É preciso buscar os elementos essenciais para uma comunicação compreensível e, a partir dessa perspectiva, refletir em como isso se dá por vários processos.

Na geografia, é pertinente pensar a comunicação também como forma de luta, de manifestação das diferentes etnias e classes sociais, repensando caminhos para o processo de transformação e fortalecimento dos diferentes territórios. A partir disso, compreende-se o necessário vínculo entre geografia e comunicação, que seria uma ferramenta para entender as diversas articulações e dinâmicas nos variados espaços habitados.

[...] deveríamos, portanto, compreender analiticamente os sistemas atuais de comunicação tanto no que se refere ao sistema de objetos técnicos que dão suporte a seu funcionamento, quanto ao sistema de ações que eles executam, viabilizam e condicionam; do mesmo modo, ao analisar dinâmicas comunicacionais de um lugar deve-se considerar a totalidade e seu movimento de totalização (Pasti, 2012, p. 3).

A diversidade linguística, as peculiaridades culturais e os contextos históricos moldam a forma como as pessoas se comunicam em diferentes partes do mundo. A comunicação desempenha um papel vital na evolução da sociedade e dos meios de comunicação, responsáveis pela passagem de informação e conhecimento. Desde os primórdios da sociedade, essa é uma forma de estabelecer relações com outras realidades, permitindo adentrar universos diferentes e criar possibilidades de conexões, de troca de informações e conhecimentos.

[...] a sociedade moderna caracteriza-se por um elevado ritmo de transformação, onde o único aspecto que tem permanecido como uma preocupação central é o da valorização da informação. Efetivamente, ao longo do desenvolvimento da sociedade um dos seus aspectos estruturantes tem sido o do desenvolvimento e aperfeiçoamento das tecnologias de informação e comunicação. Hoje, em plena era da globalização, uma sociedade moderna e

desenvolvida caracteriza-se pela sua capacidade de integrar e dinamizar circuitos de informação (Julião, 1999, p. 3).

A comunicação e a geografia têm manifestações amplas, são conhecimentos que se desenvolvem conforme as dinâmicas da sociedade, e a informação é um ponto importante para a valorização de uma comunicação em amplo movimento. É preciso ressaltar que toda essa relação é cheia de significado, imbuída de elementos que se comunicam.

A partir dessa reflexão, percebe-se a necessidade de estabelecermos uma comunicação com nossa ancestralidade, de irmos ao encontro de todas as raízes que geraram e que pertencem à população brasileira, de reencontrarmos as origens, os povos originários, os povos indígenas e as populações tradicionais. Assim, poderemos restabelecer os diálogos com esses territórios originários do Brasil, encontrando uma comunicação cheia de simbolismo, significados e características que são a base e a alvorada do povo brasileiro.

Território e o povo Boe (Bororo)

Discutir território é refletir sobre a existência humana no espaço e sobre como produzimos e mantemos nossa história. Para tanto, é preciso deixar de lado a hipocrisia e reconhecer nossa conexão com os povos tradicionais, intrinsecamente ligados à natureza e à terra. Esses povos lutaram e sacrificaram suas vidas por um espaço livre, que carrega a identidade e as origens de sua cultura. Hoje, também são símbolos de um renascer, de uma identidade quase invisível cercada por disputas, modernização e acumulação, são povos que lutaram e lutam, que resistiram e resistem ao tempo e ao capitalismo.

O território do povo Boe (Bororo) define-se como um espaço de reprodução da cultura, da memória e, acima de tudo, da luta. De acordo com Porto (2013, p. 119), o “[...] território apresenta múltiplos sentidos, dentre os quais está o ‘espaço de produção e de reprodução’”. André Pasti, por sua vez, classifica, em relação ao território, como “desenvolvidos” os que comandam e “atrasados” os que obedecem.

Ao analisar os *usos do território*, é importante considerar a dimensão política, identificando os agentes hegemônicos e hegemonzados, bem como a existência de “lugares que comandam” e “lugares que obedecem” — a partir dos fluxos de informação (Pasti, 2012, p. 6).

Pode-se observar o poder de dominação do capitalismo analisando a situação e a questão territorial dos Boe, que foram profundamente alteradas por esse sistema. Esse povo enfrentou uma redução territorial significativa, que resultou em mudanças nas estruturas da vida e da ocupação tradicional.

Na atualidade, o povo Boe está distribuído em cinco terras indígenas: Tereza Cristina, Tadarimana, Jarudore, Meruri e Perigara, todas localizadas na região sudeste do estado do Mato Grosso. Essa reconfiguração territorial, com seus novos limites impostos, trouxe mudanças radicais nos costumes tradicionais, como a caça e a pesca. Além disso, a modernização da informação e da agricultura, a expansão do agronegócio e a instalação de grandes corporações empresariais representam um risco para o território dos povos tradicionais. O crescimento urbano gera desmatamento, contaminação e assoreamento dos rios, além de, em algumas situações, a redução dos limites territoriais, causando enorme prejuízo às atividades essenciais para a manutenção da sobrevivência do povo que ali habita.

O capitalismo tem falado mais alto e sem medir as consequências, e o crescimento das cidades e a expansão de *commodities* têm gerado sérias mudanças no meio ambiente. Os sinais estão sendo sentidos no Centro-Oeste do Brasil: a expansão do agronegócio tem deixado rastros de devastação, como a contaminação do solo e das águas e o desmatamento, que diminui a diversidade da vegetação. Isso ocasiona a debandada dos povos de seus territórios e o abandono de determinadas regiões. “Os povos indígenas e as comunidades tradicionais têm sido atingidos porque estão no caminho do desenvolvimento” (Porto, 2013, p. 120), provocando a fragmentação do território indígena.

O período da globalização é marcado pela ciência, pela técnica e pela informação. Santos (2008) o definiu como meio técnico-científico-informacional, uma fase específica do desenvolvimento histórico e geográfico das sociedades, marcada pela intensificação e transformação das relações entre técnica, ciência e informação. A expansão dos conhecimentos e o uso da comunicação/tecnologia afetam negativamente a permanência das culturas e a preservação dos costumes dos povos tradicionais. O desenvolvimento, gerado a partir da construção de rodovias, ferrovias e hidrelétricas, tem diversas implicações nas comunidades e em seus territórios. O desenvolvimento, gerado a partir da construção de grandes empreendimentos, tem diversas implicações nas comunidades e em seus territórios. Ainda assim, observa-se um esforço para dar visibilidade aos povos invisíveis para o progresso, que Brandão definiu como os povos indígenas, quilombolas, camponeses, que antes e agora, vivem “sob o peso de contínuas ameaças, resistem

procurando também fazerem-se invisíveis aos olhos do outro. Quase invisíveis, mas presentes” (Brandão, 2014, p. 360).

Grande parte dos povos tradicionais da atualidade vive uma nova realidade. Pós-colonização, já não se sustentam exclusivamente dos recursos naturais disponíveis em seus territórios, como faziam no passado. Mesmo em pleno século XXI, com o desenvolvimento tecnológico e dos meios de comunicação e os desafios da modernidade, vivemos em um mundo cujo controle está sob o domínio de grandes centros hegemônicos, que distribuem informações de forma desigual e manipuladora. Isso em um contexto em que os meios técnicos disponíveis misturam conhecimentos, crenças e costumes de outros povos e das cidades, gerando apagamento cultural dos povos originários. Brandão (2014) se refere a essa transformação dizendo:

[...] mesmo crendo coletivamente em sistemas peculiares de significação da vida e do mundo e vivenciando ritualmente uma religiosidade original em muitos aspectos, nada exclui a evidência de que ali se fala uma modalidade do Português; ali se pratica uma modalidade do cristianismo católico em interação provável com componentes de outras religiões; ali se come, sob receitas provavelmente apropriadas, o mesmo feijão-com-arroz e outros alimentos de uma culinária em parte cultivada e colhida “aqui mesmo”, em parte trocada por produtos de outras comunidades semelhantes, em parte, ainda e cada vez mais frequente, comercializada no supermercado da cidade mais próxima. (Brandão, 2014, p.349-350)

No território indígena Meruri, onde foi realizada a aula de campo, foi possível estabelecer um diálogo a partir da perspectiva do povo Boe (Bororo), compreendendo melhor seus rituais e costumes. Esses rituais representam resistência, pois buscam preservar a cultura do povo com a comunicação e a adoção de métodos e metodologias que visam sustentar uma comunidade que sofreu com os predadores que tentaram dizimá-la. Não conseguiram, pois muitas pessoas sacrificaram suas vidas para garantir a continuidade do povo Bororo. Hoje, fortalecidos, eles compartilham sua história por diversos meios de comunicação, e as informações sobre seus direitos são transmitidas de geração para geração.

Dimensão territorial da aldeia Meruri

No contexto social e científico, a etnia estudada no presente artigo é amplamente conhecida como povo Bororo. Por outro lado, é autodenominada Boe. É importante destacar que o significado de “bororo” está relacionado a um local na parte central da aldeia, ao lado da casa central (*bai managejerwu*), identificado como “pátio da

aldeia”. Ou seja, “bororo” significa “o pátio central da aldeia”. Ao longo do processo de colonização e de contato com o povo Boe, os primeiros exploradores dos territórios tradicionais (na época ainda pertencentes aos povos originários, e não aos “brasileiros”) empregaram este etnônimo para identificá-los. Portanto, nos escritos oficiais, o etnônimo mais conhecido é “Bororo”.

O termo também é utilizado pelas pessoas da aldeia, porém é preciso ressaltar que a comunidade tem consciência de sua identidade tradicional Boe. Nas atividades culturais ali praticadas, essa autoidentificação é notável: os indivíduos dirigem-se uns aos outros usando a expressão: “*boe nure imi*”, ou “eu sou Boe”. Nos diálogos com interlocutores de fora, essa expressão também é usada, reafirmando a autoidentidade Boe.

Em diversos rituais que um dos autores do texto, pertencente a esta etnia, teve a oportunidade de participar ao lado de seus irmãos Boe, essa expressão sempre foi utilizada, e nunca “*Bororo nure imi*”, ou “eu sou pátio da aldeia”. Pelo contrário, o que se diz é: “*Boe nure imi*”, “eu sou Boe”, sempre com muita ênfase quanto a essa expressão.

Nessa linha de pensamento, cabe pontuar que a literatura disponibiliza outros etnônimos em referência a essa etnia. De acordo com Bordignon (1986), o povo Boe historicamente recebeu inúmeras referências etnônimas, como Araés, Coxiponés, Bororos Parrudos, Coroados, Araripoconés, Cuiabá, Bororos do Aravirá, Bororos da Campanha e Bororos Cabaçais. Etnônimos recebidos ao longo da história e que marcam o quanto tentaram extinguir essa etnia com alterações da palavra.

Organização geográfica e espacial da memória

As aldeias Boe eram divididas em duas metades, que se casavam entre si: os Ecerae e os Tugarege, como representado na Figura 1. Essas metades formavam um círculo, com as casas dispostas em volta de uma praça em cujo centro ficava o *bai mana gejeu* (a casa central). A orientação tradicional das aldeias era norte-sul, determinada pelo eixo maior do *bai managejerwu*. Seu eixo menor, leste-oeste, dividia a aldeia em dois semicírculos, um ao norte e outro ao sul.

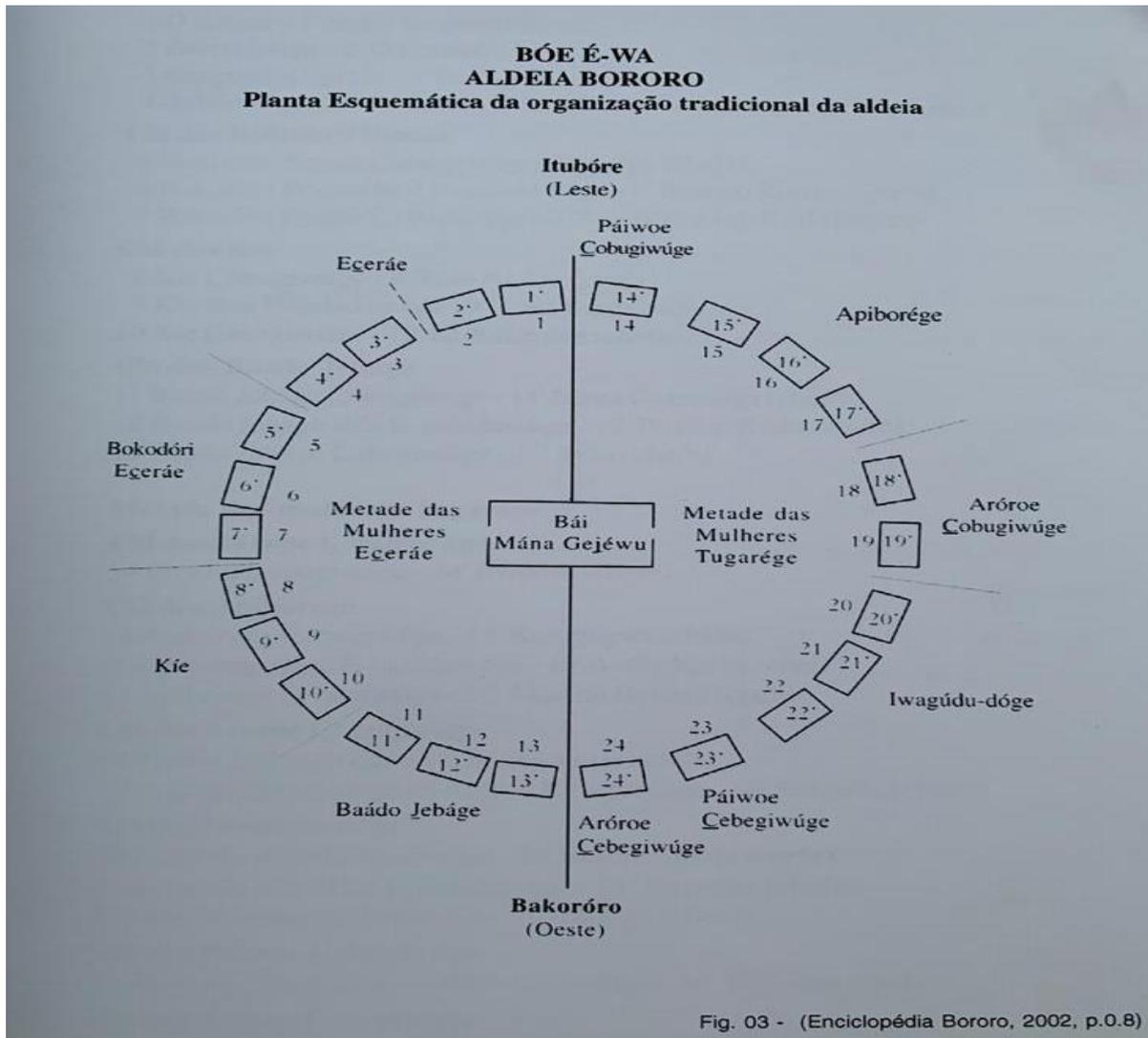


Figura 1: Planta esquemática da aldeia Meruri

Fonte: Registro fotográfico da *Enciclopédia bororo*, 2002

A oeste, a aldeia era separada por uma passagem chamada *aije reia*, ou “caminho dos espíritos das águas”. É o caminho que os espíritos de *bakoróro* e *itubóre* utilizavam para entrar na aldeia. No final do *aije reia*, a cerca de quinhentos metros ficava o *aije muga* (morada do aije) uma pequena área circular localizada na parte oeste da aldeia.

O eixo leste oeste, se prolongado, dava na morada de Bakoróro, no céu vermelho, onde estão os *Bakororo*, cuja representação é o *ika* (flauta de madeira). A leste ficava *Itubore*, cuja representação é a *pana* (flauta de cabaça). O semicírculo norte é ocupado pelas casas das mulheres e crianças da metade *Eceráe* e pelos maridos das casadas (Albisetti e Venturelli, 1962, p. 434). O semicírculo sul era habitado pelas mulheres e crianças da metade *Tugarege* e pelos maridos das casadas.

Nos semicírculos ocidental e oriental havia duas áreas menores, denominadas bororo. No bororo ocidental era realizada a maior parte dos rituais ao ar livre. Na casa

central era onde moravam os homens solteiros, e, durante o dia, onde ficavam os homens casados. Ali era proibida a entrada das mulheres, a não ser em rituais, porém aquelas interessadas em relações sexuais fora do casamento buscavam mais proximidade com a casa central. Contudo, ali, essas relações também deviam obedecer às leis exogâmicas e clânicas. (Albisetti e Venturelli, 1962, p. 447)

Apesar de a aldeia Meruri não ser mais circular, permanecem as divisões sócio-clânicas (quatro da metade Ecerae e quatro da metade Tugarege). O clã Ecerae divide-se em Bakoro Ecerae, Bokodori Ecerae, Kie e Badojeba. O clã Tugarege está dividido em Aroroe, Iwagudo, Apiborege e Paiwoe. Cada um dos subclãs possui três divisões. Por exemplo, Bakoro Ecerae Cobogiwu (os de cima), Bakoro Ecerae Cebogiwu (os de baixo) e Bakoro Ecerae Boe Eiadadawu (os do meio), e isso acontece com todos os clãs. (Levi Strauss, 1986, p. 48)

Vozes sagradas: o papel da comunicação no ritual de nomeação

O povo Boe possui uma vasta diversidade de saberes e práticas culturais que fortalecem o elo de coletividade na aldeia. Essas práticas tradicionais advêm de uma relação socioespiritual muito intensa, repassada de geração em geração pelos seus conhecedores, os sábios da vida Boe. O ritual de nomeação é um exemplo prático de saber indígena que estabelece a presença do coletivo pré-existencial na sociedade Boe.

Os nomes indígenas Boe tradicionais não são designados logo no nascimento, pois ainda é preciso que o indivíduo passe pelo rito de nomeação. Nessa etapa, a pessoa é considerada “sem nome”, e isso só muda depois do recebimento do nome (ou nomes) que é escolhido ao longo dos rituais. No aspecto espiritual, considera-se que a pessoa ainda não foi apresentada à luz do sol.

Logo no início da vida da criança, durante o rito de nomeação que estamos examinando, os progenitores e os membros do clã materno se reúnem para escolher um nome. O ritual então segue seu curso, com inúmeros cantos e participações variadas. Juntos, pai e mãe da criança percorrem todo o semicírculo clânico materno, informando que será realizado o ritual de nomeação. Na sequência, percorrem todo o semicírculo clânico oposto, relativo ao clã do pai da criança. O rito da nomeação é reservado à família à qual pertence a mãe da criança.

Depois disso, no bororo, os homens comunicam a todos, oficialmente, empregando uma prática ritualística denominada *wadódu*, que foi realizado o *boe eiedódu*. Neste comunicado, a fala percorre todos os subclãs das duas metades clânicas da criança,

a materna e a oposta, paterna, reafirmando a força da presença socioclânica e originária do povo.

No interior da casa central, durante a noite, o chefe cerimonial e as mulheres cantam com eloquência, anunciando as vias subclânicas percorridas durante os cantos de nomeação. Ou seja: performam os cantos dos respectivos grupos subclânicos que estruturam a organização social do povo Boe. Outra parte importante do ritual é o momento da apresentação oficial do nome da criança a todos que aguardam alegremente. Esse momento é realizado no bororo, ao lado da casa central, logo ao amanhecer: a criança é erguida no alto, com as mãos na direção do sol nascente, e seu padrinho evoca seu nome ritualmente, no centro do bororo.

Outra ocasião importante no ritual de nomeação é a confecção de artesanatos como o *kiogo aro* (Figura 2). No interior da casa central, o pai social da criança, que nem sempre coincide com o pai genitor, confecciona esse adorno, que é depois entregue à mãe da criança e, mais tarde, posicionado na face posterior da cabeça da criança.



Figura 2: *Kiogo aro rogu* — buquê de penas do povo Bo
Créditos da imagem: Idelfonso Boro Kuoda, 2023

O *kiogo aro* no ritual de iniciação da vida de uma criança na comunidade, conhecido como *boe eiedodu*

O *Kiogo aro* é um tipo de adorno bastante utilizado durante as práticas ritualísticas de festas, de tristezas (como é o caso do rito de passagem) e no ritual de nomeação. É confeccionado a partir de penas coloridas das aves que configuram a

identidade subclânica a que pertence o pai da criança que passa pelo processo de nomeação.

Para confecção deste adorno, são utilizadas penas de araras, como a arara-vermelha, a arara-piranga, a arara-amarela e a arara-azul. Nesse processo de fabricação, são usadas as retrizes (as penas da cauda) junto das rêmiges médias (penas das asas), conhecidas como *aro*, de outras aves, representando os uiedagamage (ancestrais) dos subclãs relativos ao pai da criança, definidos a partir da estrutura organizacional tradicional Boe.

Depois de confeccionado, o *kiogo aro* é atado na parte posterior da cabeça por um cordel que tem a cor do clã da criança que vai utilizá-lo. Na parte inferior da cabeça, as retrizes são presas cobrindo a nuca, descendo pelas costas. No caso de adultos, as retrizes podem ser atadas nos braços e nas pernas, pois cobrem a parte superior dos braços e a parte inferior das pernas.

Considerações finais

A Geografia e a comunicação são ciências/conhecimentos importantes para reforçar o diálogo com os povos ancestrais, com povos indígenas e demais populações tradicionais que vivem em luta com o atual modelo econômico para defender seus territórios, suas histórias e suas raízes. É preciso conhecer a ancestralidade que permeia o solo brasileiro e cuja comunicação se dá no cotidiano, na cultura, no tato e no contato.

A comunicação com povos indígenas, um grande desafio superado pelo desenvolvimento da tecnologia e da informatização das redes, contribui para a aproximação de culturas e troca de saberes e para o resgate da ancestralidade.

A experiência vivenciada na aldeia Meruri trouxe aspectos importantes para conhecer e compreender a diversidade e a riqueza do arcabouço material e imaterial da cultura de povos indígenas. Grande parte dessa riqueza se traduz no respeito para com a natureza, nas manifestações tradicionais que reforçam seus saberes milenares de comunhão com o mundo natural, partindo da compreensão, sempre reforçada na fala, de que o povo é parte da natureza.

As práticas do povo Boe ressaltam as diversas manifestações de comunicação, desde as pinturas corporais até o canto de uma seriema, que traz mensagens, avisos, significativos para esse povo.

Nessa cultura, que considera o espiritual conectado com o material, a identidade da pessoa (seu nome), é uma forma de fortalecer o vínculo com suas próprias raízes, com

sua origem. Assim, é importante ressaltar que uma vivência como a que tivemos na aldeia Meruri, durante a disciplina de geografia e comunicação, deve ser lembrada e refletida, pois todo o processo até a conclusão do presente trabalho gerou significados e transformações.

O que resulta é um coletivo de vivências, ideias, informações e símbolos da geografia, da comunicação, do território indígena e do povo Boe (Bororo) que deve ser (des)construído, compreendido e examinado em busca das diversas narrativas de saberes e da comunicação que permeiam as diferentes populações e territórios.

Agradecimentos

A primeira autora agradece a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudo concedida.

Geografía y comunicación en territorio indígena: la cultura del ritual de nombre del pueblo Boe (Bororo)

Resumen: La geografía es una ciencia que valora y rescata los conocimientos tradicionales y, por ello, la comunicación es necesaria como herramienta para acceder a los territorios de los pueblos tradicionales, pues la comunicación se da de diversas formas, desde la escritura hasta las representaciones corporales. El territorio está impregnado de simbolismos y características de determinados grupos, es la base para recuperar las raíces culturales que definen las especificidades de los sujetos que allí habitan. El territorio indígena es uno de los territorios que trae en su manifestación material e inmaterial el marco de luchas, costumbres, identidad, conflictos, rituales y relaciones sociales que fortalecen el vínculo colectivo del pueblo. El territorio indígena del Pueblo Bororo está lleno de tradiciones que ponen en valor sus costumbres y prácticas culturales, uno de los rituales de gran importancia para el pueblo es el ritual de denominación. La metodología de este trabajo se basa en un trabajo de campo realizado durante la disciplina geografía y comunicación, además de un levantamiento bibliográfico sobre el tema de investigación. Los resultados obtenidos muestran la importancia del territorio de los pueblos indígenas para comprender diversos aspectos sociales y culturales, así como conocer parte de la ascendencia del pueblo brasileño, además de comprender que la comunicación se da de diversas maneras, principalmente en la realidad concreta. de los territorios

Palabras clave: Geografía; Comunicación; pueblo bororo; nominación

Geography and communication in indigenous territory: the culture of the naming ritual of the Boe (Bororo) people

Abstract: Geography is a science that values and rescues traditional knowledge and, therefore, communication is necessary as a tool to access the territories of traditional peoples, as communication takes place in various forms, from writing to bodily representations. The territory is imbued with symbolism and characteristics of certain groups, it is the basis for recovering the cultural roots that define the specificities of the subjects who live there. The indigenous territory is one of the territories that brings in its material and immaterial manifestation the framework of struggles, customs, identity, conflicts, rituals and social

relations that strengthen the village's collective bond. The indigenous territory of the Bororo people is full of traditions that value their customs and cultural practices, one of the rituals of great importance for the village is the naming ritual. The methodology of this work relies on fieldwork carried out during the geography and communication discipline, in addition to a bibliographical survey on the research topic. The results obtained show the importance of the territory of indigenous peoples for understanding various social and cultural aspects, as well as knowing part of the ancestry of the Brazilian people, in addition to understanding that communication takes place in various ways, mainly in the concrete reality of the territories.

Keywords: Geography; Communication; Boe Bororo People; Nomination.

Referências

ALBISETTI, C; VENTURELLI, A. J. **Enciclopedia Bororo**. Campo Grande: UCDB, 1962, 1969, 1976 E 2003, v. I.

BORDIGNOM, E. M. **Os Bororos na história do centro-oeste brasileiro**. Campo Grande, 1986.

BRANDÃO, C. R.; BORGES, M. C.. **O lugar da vida Comunidade e Comunidade Tradicional**. In: Campo-Território: Revista de Geografia Agrária. Edição especial do XXI ENGA-2012, p. 1-23, jun., 2014, p. 2-20.

CARVALHO, A. **O museu na aldeia: comunicação e transculturalismo no diálogo museu e aldeia** / Aivone Carvalho. Campo Grande: UCDB, 2006.

IBGE Cidades. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/general-carneiro/panorama>. Acesso em: 03 set, 2024.

JULIÃO, R. P. Geografia, informação e sociedade. **GeoInova- Revista do Departamento de Geografia e Planejamento Regional**, nº 0, p. 95-108, 1999.

LEVI-STRAUSS, C. **Tristes trópicos**, Lisboa; Edições, 70, 1986.

MAKUDA, A. B. **Direito ao Espaço Memorial Boe - Bororo**. Trabalho de Dissertação de Mestrado do PPGAS/UFMT, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2018.

MARTÍN-BARBERO, J. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, Brasil, n. 18, p. 51-61, 2000.

PASTI, A. B. A comunicação, os usos do território e o método geográfico: em busca de uma leitura crítica. In: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2012, 2012, Fortaleza (CE). **Anais do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Intercom 2012, 2012**.

PORTO, M. F; PACHECO, T; LEROY, J. **Injustiça ambiental e saúde no Brasil: o Mapa de Conflitos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2013.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: globalização e o meio técnico-científico informacional. São Paulo: Edusp, 2008b.

VIERTLER, R. **As aldeias Bororo: Alguns aspectos da sua Organização social**. São Paulo: Coleção Museu Paulista: Série Etnologia, v.2, 1976.

Sobre os autores

Aiane Kelly Ferreira Santiago Torres – Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/UEG)

Idelfonso Boro Kuoda - Mestrando do Programa de Pós Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da Universidade de São Paulo. (PPHDL/FFLCH/USP).

Marli Cardoso Botelho Nascimento - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Goiás (PPGEO/UEG)

Recebido para publicação em setembro de 2024

Aceito para publicação em dezembro de 2024